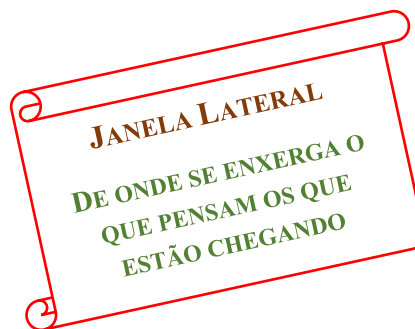




ENSP/FIOCRUZ



ROBERTA TEIXEIRA DE OLIVEIRA

“O que os territórios dizem sobre cuidado e saúde?”

Esta reflexão parte do encontro de leituras dos textos da Coluna de Opinião e de aulas da Especialização em Direitos Humanos, Relações Étnico-Raciais e Saúde da FIOCRUZ, na qual me situo. Quis externar algumas inquietações que mantêm meu corpo em movimento, a partir de minha trajetória profissional e dentro de movimentos sociais. O que te chega quando pensa em território? No dicionário de língua portuguesa, território aparece como uma grande extensão de terra ou uma área de município, distrito, estado e por aí vai. Então, por ele podemos pensar que território é espaço geográfico vinculado ao meio físico. Aqui já começa uma inquietação: essas definições não dão conta do campo vivo que é um território. Os territórios e os processos de territorialização têm se colocado como caminhos possíveis de olhar para saúde de maneira atrelada à realidade e ao que os movimentos sociais têm cartografado.

Segundo Melo (2020), refletir sobre a historicidade e a materialidade das condições de existir no mundo da população negra é preciso alargar as fronteiras e percorrer amplos debates. Ao tomar essa perspectiva como ponto de partida, entrecruzaremos fronteiras de diferentes campos da produção de conhecimento, caminhando pela coluna através da geografia, psicologia, poesia, enfermagem, entre outros. Quando se parte das territorialidades é possível analisar como o racismo interfere na produção da saúde da população negra e como se constitui a sociedade brasileira a partir do racismo estrutural. Para o início desse debate, tomaremos como chave o conceito de territorialização para refletir sobre a dimensão da saúde.

De acordo com Torres (2009), a partir do Dicionário da Educação Profissional em Saúde, os territórios são constituídos por e a partir de relações de poder e a confluência dessas relações em um mesmo espaço se denomina de “territorialidades”, ou seja, os vários territórios que se habitam em um lugar. É preciso pensar a territorialização inscrita através dos corpos, como um campo vivo e latente de como esse social atravessa esses corpos, corpos estes que são

territórios vivos em estado puro de construção. Assim, através da territorialização torna-se possível pensar nos conceitos-base do Sistema Único de Saúde (SUS) - a universalidade, integralidade e equidade -.

Como benzer tem relação com território? Marques (2022) traça esse atravessamento de forma tão viva no texto “A benzedeira”. São narradas reflexões sobre a constituição do território da figura da benzedeira e os encontros que sua existência promove na realidade.

A personagem central, dona Lorita, é uma benzedeira reconhecida e respeitada em sua região. Suas habilidades de cura são buscadas por muitos, e seu método envolve palavras, orações e plantas. As benzedeiros são descritas como figuras tradicionais que estão culturalmente inseridas em um território simbólico. Ressalta que o território da benzedeira não se limita apenas ao espaço geográfico, mas também engloba um território simbólico e cultural, onde seus conhecimentos e práticas são valorizados e reconhecidos. Em suma, aborda a figura da benzedeira, explorando sua relação com o território simbólico, sua missão de cura e o impacto que suas habilidades têm na comunidade. A figura da benzedeira, inscrita por diferentes territórios de cuidado naquela região, demonstra como cartografar é essencial para o diálogo em saúde, isto é, por quais caminhos podemos trilhar para construir redes de cuidado em diferentes territórios.

A partir de uma aula de Geografia no Jacarezinho/RJ, Marques (2021) constrói uma cena do cotidiano de sala de aula de modo a refletir territorialidades. Nessa cena, nota-se que a professora substituta reproduz uma educação bancária, isso é, prioriza o conteúdo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sem ter nenhuma relação com a realidade das (os) estudantes. Para quem serve um aprendizado descolado da realidade? De que educação estamos falando? As territorialidades que aparecem a partir da fala de cada estudante são levadas como não aprendizado das temáticas da BNCC. Como exemplo, quando falam sobre a aproximação entre regiões pela chave da violência presente no território - o território de favela em que estes estudantes estão inscritos - a professora reprime por não ser a resposta que espera. No entanto, são os territórios convocados pelas (os) estudantes que deveriam ser tomados como ponto de partida para um aprendizado que promova a autonomia e coletividade. Como não promover a educação a partir do contexto social que é atravessado pelo racismo em que esses estudantes se encontram? O processo de territorialização em educação vai ao encontro da produção de saúde, de forma que pensar criticamente e afinado às territorialidades abre para a promoção de autonomia e de cuidado.

Marques (2019), traça uma reflexão sobre o poder e a importância dos mapas, destacando como eles podem representar discursos sobre os territórios. Ao mencionar a

"Cartografia Social da Amazônia" demonstra como os mapas podem revelar o valor existencial dos territórios, atribuindo vida e significado aos elementos geográficos, como rios, plantas, cemitérios e reservas extrativistas. No processo de abarcar a realidade, surgem novas formas de cartografia que são abertas à mudança e ao devir. Essas novas cartografias são descritas como "encantadas", pois estão mais próximas da vida, das escalas do cotidiano, das emoções, dos afetos e dos conflitos que permeiam os territórios. O objetivo dessas cartografias é servir à expressão e à potência da experiência humana, ao invés de empobrecê-la. A cartografia, logo, apresenta-se como uma forma que se abre de forma sensível às experiências humanas.

Um caminho que conflui para o conceito de territorialização é a determinação em saúde. Ainda que se fale de uma importância sobre o conceito de determinantes sociais em saúde, há críticas importantes que permitem ampliá-lo. O campo da Saúde Coletiva aparece como fundamental para essa ampliação. Os determinantes sociais em saúde podem caminhar para uma fragmentação do social, ou seja, "explicam a relação entre saúde e sociedade como se essa última fosse portadora de um conjunto de fatores que exercem determinação sobre a saúde, mas apreendidos desconexos da processualidade universal que os produzem" (Souza, 2019). No entanto, ao considerar a determinação em saúde em conexão com o campo da territorialização promove uma lente sensível para os atravessamentos da realidade no processo de saúde-doença-cuidado, em contraponto com a determinação histórico-social ou natural-biológica.

Nos lugares em que nossos corpos caminham é possível perceber como os territórios se atrelam nos emaranhados de processos de produção de saúde e doença. É imprescindível ter um olhar atento para reconhecer como o território se faz vivo. Dessa forma, vemos como as territorialidades são campos vivos que atravessam de diferentes modos os processos de produção de cuidado e saúde. Tomar como ponto de partida as movimentações sociais na promoção de saúde e um olhar sensível para como os territórios são circunscritos por diferentes relações de poder são pistas para construir o cuidado implicado com a realidade. • • •

Fonte: Coluna Opinião do Blog www.multiplicadoresdevisat.com:

- Aline de Fátima Marques – A benzedeira – publicado em 24/04/2022.
- Ana Carolina de Oliveira Marques – Aula de Geografia na comunidade do Jacarezinho – publicado em 23/06/2021.
- Ana Carolina de Oliveira Marques – De que serve ter o mapa, se o fim está traçado? – publicado em 26/09/2019.
- Diego de Oliveira Souza – Qual a promoção da saúde que queremos? – publicado em 03/07/2019.

Thiago Sebastião de Melo – A espera que nunca acaba: a perpétua desumanização da população negra – publicado em 18/05/2020.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

Torres, Raquel. Territorialização em Saúde. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fiocruz, Rio de Janeiro, 01 de julho de 2009. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/dicionario-jornalistico/territorializacao-em-saude> Acesso em: 17/07/2023.

Roberta Teixeira de Oliveira é psicóloga e aluna do curso de Especialização em Direitos Humanos, Relações Étnico-Raciais e Saúde da ENSP/Fiocruz (2023).

Rio de Janeiro, agosto / 2023